

REPRESENTATIVIDADE EM HQs: COMO OS PROTAGONISTAS PODEM AUXILIAR NA INCLUSÃO SOCIAL EM SALA DE AULA

Izabel Cristina Barbosa de Oliveira ¹

RESUMO

Há mais de uma década Decretos e Leis instituídas no Brasil auxiliam e asseguram os direitos das pessoas com deficiência, síndromes ou transtornos (Lei nº 10.436/02, Decreto nº 5.626/05, Decreto nº 6.949/09, Lei nº 13.146/15), buscando, assim, dar maior inclusão social e visibilidade a estas pessoas, assegurando sua efetiva cidadania. Mesmo assim, ainda vivenciamos situações de exclusão, inclusive no ambiente escolar. Uma educação escolar efetivamente inclusiva perpassa por oportunidades equânimes a todos, auxílio e apoio de diversos serviços de acordo com as especificidades de cada indivíduo (SASSAKI, 1997). Esta assistência também se refere a práticas docentes, que promovam um processo de ensino-aprendizagem efetivo para todos os estudantes (MANTOAN, 2003). Nesta perspectiva, a sala de aula e a instituição escolar devem oportunizar um ambiente acolhedor, rico em experiências que exponham os estudantes a diversidade, a fim de aprenderem a conviver com a diferença do outro, criando empatia e respeito ao próximo. Neste contexto, as histórias em quadrinhos (HQs) podem ser vistas como recursos para o processo de inclusão (VIDAL e AMOEDO, 2019), uma vez que, desde o ano 2000 no Brasil, houve uma mudança nas temáticas abordadas nos HQs, o que levou a criação de protagonistas com deficiências, síndromes ou atípicos, como: Tati (pessoa com Síndrome de Down), André (pessoa com Transtorno do Espectro Autista), Luca (pessoa com deficiência física), dentre outros. Nesta perspectiva: temos por objetivos: explorar a utilização de HQs com personagens que representam a diversidade e a inclusão social; abordar a importância da utilização de HQs nas aulas como instrumento que auxilia no processo de inclusão; e, instigar o trabalho docente com leituras de HQs inclusivos. Este trabalho é de cunho qualitativo, bibliográfico e exploratório. Para tanto, foi necessário a leitura de artigos científicos e trabalhos acadêmicos sobre a temática abordada. O trabalho ainda está em andamento, e como resultados, esperamos: dar maior visibilidade aos personagens que representam a diversidade e a inclusão social nos HQs; ressaltar as diversidades dos personagens nos HQs a fim de criar um ambiente empático e acolhedor; e, sugerir atividades de leitura, releitura e produção textual com a utilização dos HQs e seus respectivos personagens.

Palavras-chave: Diversidade, História em quadrinhos, Educação especial e inclusiva.

INTRODUÇÃO

A educação especial e inclusiva ainda precisa ser muito debatida e vivenciada no ambiente escolar. Mesmo com todos os Decretos e Leis existentes, que asseguram os direitos destes cidadãos, a realidade ainda mostra que temos muito a conquistar em termos de convivência e respeito social.

Um ponto importante pode começar pela escola, com o processo de integração dos estudantes com deficiência, síndromes ou transtornos, e uma efetiva e significativa formação continuada por parte de todos que constituem a comunidade escolar.

¹ Doutoranda em Educação e Novas Tecnologias pela UNINTER. Email: izabel_cbarbosa@hotmail.com.

Em sala de aula, com a integração da história em quadrinhos como gênero a ser amplamente trabalhado, pode-se escolher aqueles que tenham uma diversidade maior de personagens, respeitando suas diferenças e dando visibilidade a parcela que compõe nossa sociedade.

Com o contato cada vez mais precoce a um ambiente inclusivo e diverso, é possível desenvolver a empatia e a compreensão das pessoas para a sociedade plural da qual todos fazem parte. Nesta perspectiva, este trabalho tem por objetivos: explorar a utilização de HQs com personagens que representam a diversidade e a inclusão social; abordar a importância da utilização de HQs nas aulas como instrumento que auxilia no processo de inclusão; e, instigar o trabalho docente com leituras de HQs inclusivos.

METODOLOGIA

Este trabalho é de cunho qualitativo, bibliográfico e exploratório. Para tanto, foi necessário a leitura de artigos científicos e trabalhos acadêmicos sobre a temática abordada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com a introdução do quadrinhos dentre os gêneros que podem ser trabalhados no ambiente escolar, ampliou-se ainda mais as possibilidades de vivências nos diversos contextos comunicativos. Por ser um gênero que se utiliza de imagem e textos (verbais e/ou não verbais) o quadrinho, ou o HQ (história em quadrinho), é mais uma forma de mostrar as relações sociais existentes na sociedade.

A leitura de obras em quadrinhos demanda um processo bastante complexo por parte do leitor: texto, imagens, balões, ordem das tiras, onomatopeias, que contribuem significativamente para a independência do leitor na interpretação dos textos lidos. Além disso, o universo dos quadrinhos faz parte das experiências cotidianas dos alunos. É uma linguagem reconhecida bem antes de a criança passar pelo processo de alfabetização (BRASIL, PORTAL MEC).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN expõe que é “necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas” (1998, p. 23).

De acordo com Bakhtin (1979, p.79) “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (...). É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as

formas ideológicas gerais da comunicação (...)”. Antunes (2003) complementa quando explica que as palavras se realizam em sua plenitude nas relações sociais, pelos interlocutores e pelo contexto de produção.

Mesmo sendo utilizado mais com o público infantil, o HQ não se restringe a ele, e mesmo tendo sido implementado anteriormente como um dos gêneros a ser amplamente utilizado nas instituições de ensino, Vergueiro e Ramos (2009, p. 40) afirmam que HQs também é leitura.

Leitura não é só de livro. Leitura é tudo. Como já dizia o educador Paulo Freire (1988), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Assim pode-se dizer que uma leitura sempre é o caminho para outras mais, numa espiral sem começo ou fim. Um outdoor leva a uma fotografia, que leva a um vídeo, que leva a um programa de televisão, que leva a um desenho animado, que leva a uma história em quadrinhos, que leva a um livro, que leva a um filme, que leva a um outdoor anunciando a estreia do longa-metragem.

Neste contexto, HQs deixaram de ser “[...] subversivas ou superficiais para serem oficializadas como política de governo” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 40). Com esta mudança, também percebe-se uma nova forma de histórias que surgem abordando o tema da inclusão social.

Por muitos anos os clássicos da literatura reinaram nas salas de aula não dando espaço para outros gêneros textuais. Os romances que fazem parte da literatura universal estavam na lista de livros a serem lidos a fim de ampliarem o vocabulário dos estudantes, auxiliarem na aprendizagem da gramática e conhecerem outros contextos sócio-históricos.

Mas finalmente, a realidade mudou e avultou-se, os quadrinhos agora fazem parte do repertório de textos a serem consumidos. No entanto, ler HQs não é tão simples o quanto parece, com sua versatilidade de usos de imagens, cores, balões e tantos outros aspectos multimodais, a leitura não acontece apenas a partir da leitura das palavras/diálogos existentes, há muito mais a ser compreendido pelo leitor a fim de entender plenamente o conteúdo da história. Para Alexandre Barbosa (2004, p. 131)

todos os principais conceitos das artes plásticas estão embutidos nas páginas de uma história em quadrinhos. Assim, para o educador, as HQs podem vir a ser uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos, de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição.

Ramos (2009, p. 14) também afirma que “[...] ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal)”, salientando, ainda, que dominar essa linguagem, “[...] mesmo que em seus conceitos mais básicos, é condição para a plena

compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula e em pesquisas científicas sobre o assunto.”

Segundo Mendes (1990, p. 43), “as histórias em quadrinhos, como recurso didático, apresentam a vantagem de serem de fácil acesso e não exigirem mediadores técnicos para a sua leitura, com isso possibilitando e promovendo um acesso mais fácil por parte dos alunos.”

Dentre os diversos benefícios de se trabalhar com variados gêneros textuais, existe a possibilidade retratar situações da vida cotidiana. Assim, a escola deve sempre selecionar as leituras a serem desenvolvidas em sala com o objetivo de ampliar o repertório vocabular do estudante, mas também relacionar com diversas outras realidades existentes, dentro e fora da escola. Cafiero (2010, p.88) afirma que

um compromisso a ser assumido pela escola é o de possibilitar ao aluno a aprendizagem da leitura dos diferentes textos que circulam socialmente. A leitura de jornais, revistas, livros e o contato com o texto, cinema e música alargam os limites da mente e dos possíveis leitores de um mesmo objeto. Aplicar esses limites pode contribuir (embora não garanta) para que a capacidade da escrita também se desenvolva (ortográfica, morfológica e sintaxe) e no conteúdo (ideias de argumentação).

Além de se trabalhar com gêneros distintos, o quadrinho, nos últimos anos, vem ampliando suas temáticas a partir da criação de personagens antes não representados. Contribuindo, desta maneira, na representação social e na diversidade existente em nossa sociedade, o HQs vem contribuindo pedagogicamente com a empatia e a aceitação do dito “diferente” por parte de quem os consome.

Estes personagens representados com suas deficiências acabam por dar visibilidade às pessoas com deficiência, síndrome ou transtorno e ter seu espaço assegurado no universo literário, demonstrando suas características, sua rotina diária, assim como suas habilidades e importância social. Rompendo com a ideia pejorativa de incapacidade que acompanhava estas pessoas.

Para Zilberman (1987, p.34) “a ação se tornou contemporânea ou datada, proporcionando à criança ver-se representada ou simbolizada na ficção, cujo desdobramento apresenta o embate entre o mundo dos heróis e dos adultos”. Assim, “a leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção intelectual”, segundo Eisner (1989, p.8).

Na mesma proporção que as princesas de filmes em desenho animado do cinema estão ganhando personagens com outras características físicas, antes nunca imaginadas, os quadrinhos também buscam romper os padrões estipulados pela sociedade e apresenta personagens que compõem boa parcela da sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como forma de exemplificar a inserção de novos personagens nas histórias em quadrinhos, vamos pegar a Turma da Mônica como base para fazermos a análise desta visibilidade e representatividade social.

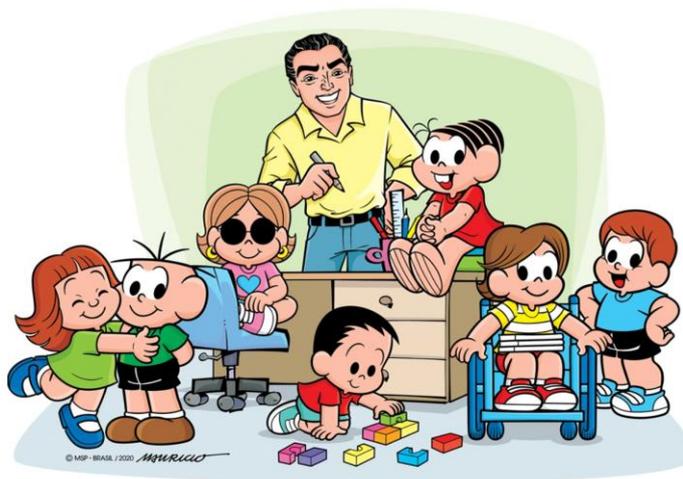
Acreditamos que ao se desenvolver trabalhos pedagógicos em conjunto a salas de apoio e com o suporte pedagógico adequado, desde cedo, nas séries iniciais, haverá menor discriminação e maior empatia por parte da comunidade que compões o ambiente escolar como um todo. Bersch et al (2007, p.29), relata que “os serviços de educação especial são de fundamental apoio ao ensino regular para que não transformemos a deficiência em uma incapacidade”.

Concordamos com Mantoan (1997) quando explica que

a Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais é um movimento que tem sido muito polemizado por diferentes segmentos, mas essa inserção nada mais é do que garantir o direito constitucional que todos independentes de suas necessidades, têm a uma educação de qualidade, e que a Inclusão vai depender da capacidade de lidarmos com a diversidade e as diferenças (1997, p.18).

É neste contexto de diversidade e diferença que os quadrinhos auxiliam neste processo de aceitação por parte de todos. Ao nos depararmos com estes novos personagens e compreendermos melhor a realidade, a experiência de cada um e suas especificidades, torna-se algo comum em nossa vida cotidiana, rompendo a barreira desconhecimento, do medo do que nos é diferente.

Imagem 1 – Turma da Mônica com Maurício de Souza



Fonte: <https://apaecuritiba.org.br/turma-da-monica-tem-representatividade/>

Na imagem 1, pode-se perceber a presença de vários novos personagens, além dos já consagrados Mônica e Cebolinha. Abraçada ao Cebolinha temos Tati, a personagem com Síndrome de Down. Para representar cada um, é possível perceber algumas características gerais, no caso de Tati seus olhos são mais amendoados, indicando uma das características da Síndrome.

Outra personagem é a que está usando óculos escuros, Dorinha, que representa uma pessoa com deficiência visual. Esta personagem é inspirada em Dorinha Nowill, educadora que perdeu jovem a visão, no entanto, não se abateu e trabalhou arduamente para a criação e implantação de instituições, leis e campanhas em prol dos deficientes visuais.

O personagem Luca está em uma cadeira de rodas, tecnologicamente equipada. Teve sua estréia em 2004. Ganhou simpatia dos leitores por sua personalidade amigável e divertida e representa um personagem com deficiência física.

O menino que está brincando com o quebra-cabeça é André e representa o personagem com autismo. Foi criado para apoiar a campanha da Associação dos amigos Autistas (AMA). É um personagem introspectivo, gentil, não olha nos olhos e não fala muito com as pessoas.

Imagem 2 – HQ de André e Cascão



Fonte: <https://turmadamonica.fandom.com/pt-br/wiki/Andr%C3%A9>

Na imagem 2 percebemos uma das características de uma pessoa com autismo que é a maneira literal como ele/ela pode pensar. Um aspecto muito interessante para aprendermos é como devemos nos comunicar com as pessoas autistas que possuem dificuldade em compreender textos de uma forma geral, seja oral ou escrito.

Quando exploramos cada personagem com suas características aprendemos as necessidades de cada um, capacitando-nos a como nos comunicar ou portar diante de cada um, respeitando suas particularidades.

Desta forma, acreditamos que com o estímulo da leitura de quadrinhos com personagens com deficiência, síndromes ou transtornos irá educar a sociedade para o lhes é diferente aos seus olhos, criando empatia e compreensão.

A realidade da inclusão escolar vigente aponta a necessidade de uma prática pedagógica viável usando histórias em quadrinhos, instigando o desenvolvimento afetivo, cognitivo e comportamental, para favorecer a inclusão na escola. Tendo como base a relevância da discussão e, necessariamente, o debate e, dessa forma, oportuniza novas formas de aprendizado ao abranger o aluno como um todo, suas habilidades e potencialidades referentes à acessibilidade nos ambientes escolares, pois essa é a condição imprescindível para a construção de uma educação inclusiva de que se pressupõem novas exigências às questões da escola, da aula e do professor (STRADA, 2016, p. 3)

O trabalho ainda está em andamento, e como resultados, esperamos: dar maior visibilidade aos personagens que representam a diversidade e a inclusão social nos HQs; ressaltar as diversidades dos personagens nos HQs a fim de criar um ambiente empático e acolhedor; e, sugerir atividades de leitura, releitura e produção textual com a utilização dos HQs e seus respectivos personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber o quanto a leitura pode influenciar o olhar do leitor e, assim, desenvolver vários sentimentos nunca antes explorados. Desta forma, com o acesso a textos que envolvam personagens com deficiência, síndromes ou transtornos, podemos aprender algumas de suas características, levando-nos a compreendê-las melhor.

O trabalho com quadrinhos que representam personagens com deficiência, síndromes ou transtornos pode romper com a barreira do preconceito e dar maior visibilidade a estas pessoas que ainda necessitam se afirmar diante de tantos contextos sociais, mesmo com todo amparo legal já existente.

O trabalho com a leitura em sala deve também estar voltado para a diversidade do gênero textual a ser escolhido, na mesma proporção que deve abordar diversas temáticas e personagens que representem toda a sociedade na qual vivemos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M.. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BARBOSA, Alexandre. Os quadrinhos no ensino de Artes. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto. p. 131-149. 2004.

BERSCH, Rita; BROWNING, Nádia; SCHIRMER, Carolina R.; MACHADO, Rosângela. **Atendimento Educacional Especializado– Deficiência Física**. SEESP / SEED / MEC: Brasília (DF), 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAFIERO, Delaine. **Letramento e leitura: formando leitores críticos**. In. BRASIL, Secretaria de educação básica. Língua Portuguesa, V. 19 – Coleção explorando o ensino-Brasília, 2010.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997.

MENDES, Maria Regina Saraiva. **El papel educativo de los comics infantiles: (análisis de los estereotipos sexuales)**. 1990. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona, 1990.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

STRADA, S.A.C. **Práticas inclusivas na escola por meio das histórias em quadrinhos**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. **Cadernos PDE**, v. 1, 2016.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização necessária”. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 7-30. 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil e o leitor**. São Paulo: Ática, 1987.